



7 a 9 de julho de 2021

5^o Encontro
Paraense de
Etnomatemática

Prática Educativas em
Tempos de Pandemia

Autor(es) (tamanho 40)

Autor 1 - Pascoal Beserra da s. Araujo -
pascoalaraujo12@gmail.com

Orientador(es) - Prof. Dr. Osvaldo Barros -

As Relações Matemáticas na Armadilha de Tartaruga

Introdução

O estudo sobre a confecção da armadilha de tartaruga, denominada *Mundurú*, nos rios, igarapes e igapós, na vila Ateua Grande, na região ribeirinha do município de Moju - PA. O *Mundurú* vem nos ajudar a compreender as relações da matemática escolar e a sua confecção, ou seja, quem são os artesãos e a prática da captura.

Objetivo

- Compreender as relações matemáticas como circunferência, planificação do cone-sólido geométrico. O modo de confecção, quem são seus artesãos e onde se utiliza os mundurús.

Metodologia

Para confeccionar o Mundurú, observa-se alguns pontos: Primeiro temos que construir sua face (Parí), que são talas ou varas finas, medindo aproximadamente 1,5 a 2 m de comprimento. Essas talas podem ser de folhas de abacabeira ou najaseiro e as varas que podem ser retiradas da própria mata, onde as mesmas serão amarradas com cipós ou talas de guarumã que flexíveis. Na feitura das armadilhas, recomenda-se principalmente o uso das varas, porque a tartaruga pode morder as talas e acabar quebrando e assim fugir de dentro do mundurú. Em segundo temos que medir a circunferência (rodas), que dependendo do tamanho podem ser até 4 rodas se for muito grande. Como o mundurú tem o formato de um cone, as circunferências ou rodas, terão medidas diferentes: na primeira roda temos que colocar um segundo cone que será formado por talas de guarumã, visto que as talas serão amarradas apenas

uma de suas pontas, ou seja, no momento que a tartaruga passar na entrada a mesma abrirá o seu topo. Além disso, o mundurú não deve ficar totalmente dentro da água porque certamente a tartaruga afogada, visto que a mesma precisa de ar, ou seja, a armadilha deve ficar inclinada com a ajuda de um suporte de varas de madeira para facilitar a sua inclinação, onde a sua entrada fica totalmente dentro da água.

Resultados parciais

Nesse trabalho apresentamos objetivos para a busca da compreensão de como os saberes da tradição e seus processos cognitivos podem contribuir para a educação matemática e como podemos trabalhar com objetos como o mundurú para conceituar conteúdos como planificação do cone-sólido geométrico, circunferência e etc.

Porque nesse movimento exponencial, diante destes termos, dos debates, de como interpretar outras lógicas de pensamento de povos culturalmente distintos, no campo da educação matemática, em meados da década de 70, o professor Ubiratan D'Ambrosio usa a expressão "Etnomatemática". Esta tem o intuito de explicar, conhecer e entender saberes e fazeres de distintos povos. (D'AMBROSIO, 2009, p.60).

Bibliografia

Maia, Lucélida de Fátima; Raposo, Maria Augusta; Rodrigues, Isabel Cristina (2013). Aprender e ensinar matemática em comunidades ribeirinhas. En SEMUR, Sociedad de Educación Matemática Uruguay (Ed.), VII Congreso Iberoamericano de Educación Matemática (pp. 3455-3462). Montevideo, Uruguay: SEMUR.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

Realização



Apoio

